

CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA DA MIGRAÇÃO NA DÉCADA DE 80 POR GRANDES REGIÕES BRASILEIRAS¹

José Teixeira Lopes Ribeiro²

1. Introdução

O presente trabalho tem como principal objetivo fornecer elementos que ajudem a caracterizar demograficamente o imigrante da década de oitenta. Para o efeito, começaremos por avaliar brevemente como foram os principais fluxos migratórios entre as grandes regiões brasileiras durante a década, e quais os saldos migratórios decorrentes desses fluxos. Em seguida, iremos estudar qual a distribuição por idade e sexo desses migrantes, procurando, sempre que possível, avaliar o tipo familiar ou não dessa migração.

Finalmente, iremos analisar as características educacionais desses migrantes. Para tal usaremos a variável anos de estudo, que consta do censo de 1991, a partir da qual construiremos alguns indicadores. Na análise desses indicadores, nosso objetivo não será determinar exatamente quais os diferenciais entre migrantes e não migrantes mas sim dar uma visão de conjunto também da região de destino em que este migrante está inserido.

Migrações Internas durante a década de oitenta

A mensuração direta dos fluxos migratórios entre cada par de unidades geográficas foi feita considerando-se tanto a migração de não naturais, como também a dos naturais.

¹ O presente trabalho foi elaborado para o seminário sobre populações amazônicas: tendências recentes e perspectivas, realizado em Manaus de 18-20 de Outubro de 1996.

² CEDEPLAR - UFMG - Agradeço ao professor José Alberto Magno de Carvalho que me orientou na preparação da base de dados e indicadores usados no presente trabalho, assim como ao professor Riberto do Nascimento Rodrigues pelos valiosos comentários ao presente trabalho.

Assim, nestes fluxos, foram considerados, por um lado, as pessoas não naturais que não estavam presentes na unidade geográfica no início da década, mas estavam no seu final, assim como as pessoas, naturais e não naturais, que estavam presentes nessa unidade geográfica no início da década, saíram mas voltaram e estavam presentes no final da década. A Tabela 1 apresenta para as grandes regiões os fluxos migratórios entre si e que serão resumidos em seguida.

1.1 - Região Norte

EMIGRAÇÃO DE UF's DA REGIÃO NORTE
POR REGIÃO DE DESTINO-1991-

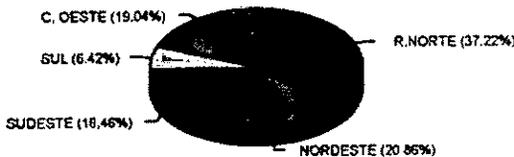


Figura 1 - Fonte: Censo 1991

Durante a década de 80 emigraram das UF's da região Norte cerca de 800 mil pessoas. Destas, 37,22% dirigiram-se para UF's da própria região, 20,86% foram para a região Nordeste, 19,04% para o Centro-Oeste, 16,46% para o Sudeste e apenas 6,42% para o Sul. As UF's de outras regiões que receberam mais pessoas oriundas do Norte foram Maranhão (9,85%), Goiás (8,01%) e São Paulo (7,36%).

IMIGRAÇÃO PARA UF's DA REGIÃO NORTE
POR REGIÃO DE ORIGEM-1991-

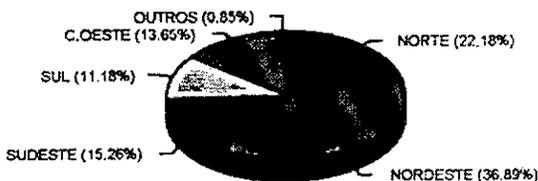


Figura 2- Fonte: Censo 1991

Por outro lado entraram para as UF's da região Norte cerca de 1,33 milhões de pessoas. Destas, 22,18% eram oriundas da própria região, 36,89% da região Nordeste, 15,26% do Sudeste, 13,65% do Centro-Oeste e 11,18% do Sul (Figura 2). Em termos de origem as UF's de onde saíram mais pessoas para o Norte foram Maranhão (21,14%) e Paraná com 9,38% do total dos imigrantes.

Recorde-se que neste número de imigrantes estão incluídos os naturais de retorno que durante a década representaram 116.139 pessoas. Destes retornados interestaduais 39.365 retornaram para o município de nascimento com apenas uma etapa (a interestadual), 9.264 retornaram para o município de nascimento com pelo menos mais uma etapa intraestadual, 21.390 retornaram para o município que não o de nascimento com apenas uma etapa e 46.120 retornaram para o município que não o de nascimento com pelo menos mais uma etapa intraestadual. Tabela 1.

Intra-regionalmente, o Pará foi a UF de onde saíram mais pessoas em direção às UF's da própria região (42,51% dos emigrantes intra-regionais). Deste mesmo Estado, também saiu a maioria dos imigrantes dos estados do Norte.

1.2 - Demais Regiões

Durante a década de oitenta, imigraram nas UF's da região *Nordeste* cerca de 2.2 milhões de indivíduos entre não-naturais e naturais das UF's. A imigração de não-naturais nesse período foi de cerca de 1,2 milhão de indivíduos, ou seja, registrou um crescimento de apenas 11%, enquanto a imigração de retorno de naturais quase triplicou. Como se pode verificar, o aumento do fluxo imigratório da região se deveu fundamentalmente ao retorno de naturais (Ribeiro, 1996).

A imigração nas UF's da região teve como principal origem as UF's da própria região 47,54%. A imigração oriunda do Sul representou apenas 1,7%, enquanto a do Sudeste foi de 36,82% do total, e a do Norte e Centro-Oeste de cerca de 7,7% e 5,5% respectivamente.

As UF's de onde saíram mais emigrantes para o Nordeste foram São Paulo e Rio de Janeiro, com 14,08% e 6,11%, respectivamente. O Estado do Paraná registrou menos de 1% do total. Entre as UF's da própria região, as que tiveram maiores fluxos de emigrantes foram Pernambuco, Ceará e Paraíba.

Tabela 1
 RETORNO INTERESTADUAL PARA OS ESTADOS DO NORTE -91

UF'S	P/Munic. de Nascimento		P/Outros Municípios		Total
	Com 1 Etapa	C/+de 1 Etapa	Com 1 Etapa	C/+de 1 Etapa	
11	2931	925	1558	3794	9208
12	2899	749	1158	1417	6224
13	3964	1677	1491	11387	18519
14	305	204	112	390	1510
15	18457	3997	9625	20634	52612
16	1958	302	597	1672	4529
17	3353	1410	6948	6827	23537
TOTAL	39365	9264	21390	46120	116139

Fonte: Censo de 1991

Em termos de destino, por ordem de grandeza, a Bahia, Pernambuco e Maranhão foram os Estados que mais receberam imigrantes não-naturais e, em conjunto, receberam mais da metade da imigração de não-naturais no Nordeste (Ribeiro, 1996).

Finalmente, durante a década, saíram dos Estados nordestinos cerca de 3,7 milhões de pessoas, sendo que 48% destas se dirigiram para a região Sudeste.

Nas UF's da região *Sudeste* imigraram cerca de 4,4 milhões de pessoas, sendo que cerca de 35% deste fluxo correspondeu à migração intra-regional. O maior fluxo de imigrantes no Sudeste teve origem no Nordeste, de onde saíram cerca de 1,75 milhão de migrantes (40% do total). Por outro lado, saíram do Sudeste em direção a outras regiões 3,3 milhões de pessoas. Cerca de 24% deste fluxo dirigiram-se para o Nordeste e apenas 6% foram para a região Norte.

Na região *Sul*, imigraram cerca de 1,2 milhão de pessoas entre naturais e não naturais. Destes imigrantes 46%, tiveram como origem a própria região e 31% a região Sudeste. De cada uma das regiões Norte e Nordeste saíram ao redor de 4%. Da região Sul saíram 1,65 milhão de pessoas. Este fluxo teve como principal direção as regiões Sudeste (35%) e Centro-Oeste (20%).

Na região *Centro-Oeste* entraram cerca de 1,7 milhão de pessoas durante a década de oitenta. As principais origens desta imigração foram o Nordeste e o Norte. Por outro lado saíram dela, no mesmo período, 1,2 milhão de emigrantes que se dirigiram principalmente para o Sudeste:

2. Avaliação dos Saldos Migratórios

2.1 - Alguns problemas metodológicos na mensuração dos saldos migratórios

Os saldos migratórios podem ser obtidos por mensuração direta e por estimação indireta.

O uso da *mensuração direta* tem a vantagem de permitir a análise dos fluxos migratórios entre cada par de unidades espaciais, isto é,

Tabela 2
MIGRAÇÃO POR REGIÃO DE ORIGEM E DESTINO BRASIL 1991

R. Atual	RESIDÊNCIA ANTERIOR										TOTAL
	N	NE	SE	S	CO	BR.S.E.	ESTR.	N.A.			
N	296976	493872	204350	149666	182739	1818	8053	1457	1338922		
NE	166431	1025059	793911	35662	119397	3276	10125	2445	2156307		
SE	131308	1749486	1538686	577907	325117	13673	80424	2269	4418870		
S	51232	44109	370880	551711	134026	5628	34419	10871	1202873		
CO	151869	355706	424100	334163	405860	1227	16096	1365	1690388		
TOTAL	797816	3668234	3331927	1649099	1167139	25620	149118	18407	10807360		

Fonte: Censo de 1991

a imigração e a emigração. Por mensuração direta, os saldos migratórios são normalmente obtidos como a diferença entre o total dos naturais de uma UF residindo fora dela a menos de 10 anos, e o total de residentes com menos de 10 anos nesta UF, mas nascidos fora dela. Este procedimento entretanto, não inclui a migração de retorno de naturais que, a ser expressiva, afetaria significativamente o saldo migratório.

Por *técnica indireta*, os saldos migratórios podem ser obtidos como a diferença entre a população observada e a esperada num determinado ponto, nada se sabendo, portanto, sobre o volume da imigração e emigração entre cada par de unidades espaciais. A conciliação entre os resultados dos dois métodos pode ser uma via para a correção destes problemas, questão que por fugir dos objetivos deste trabalho, não será aqui desenvolvida.³

No presente estudo, usaremos os saldos migratórios calculados por mensuração direta descrita anteriormente, porém, para reduzirmos os problemas que este método tem implícitos, incluímos na imigração o retorno de naturais e usamos como variável básica a UF de residência anterior. Por se perder a informação da UF de residência anterior dos imigrantes com múltiplas etapas (os que fazem uma etapa interestadual seguida de, pelo menos, mais uma etapa intra-estadual), foi feito um rateio destes pelas UF's de origem, tendo como base a origem interestadual conhecida.

Por último, é importante chamar a atenção que os saldos migratórios calculados através deste procedimento ainda assim estarão ligeiramente subestimados por não incluírem os efeitos indiretos da imigração, ou seja, crianças que nascem no local de destino do migrante. Este efeito corresponde a aproximadamente 3 vezes o número de crianças imigrantes dos 0-4 anos de idade. Apesar desta ligeira subestimação os saldos migratórios calculados por este procedimento estão muito próximos da realidade.

³ Para mais detalhes sobre a mensuração direta e estimação indireta dos saldos migratórios consulte-se Ribeiro, (1996).

2.2 - Saldos Migratórios Interregionais -1991

Salvaguardadas as observações feitas a respeito dos resultados obtidos por este procedimento, podemos constatar, na Tabela 3, que na década de oitenta, o saldo migratório da região Norte foi de cerca de 540 mil pessoas, enquanto o Nordeste teve uma perda líquida de cerca de 1,5 milhão de pessoas. Por outro lado o Sudeste registrou um saldo migratório positivo de cerca de 1,1 milhão, o Sul teve uma perda líquida de 446 mil e, finalmente, o Centro-Oeste um ganho líquido de 523 mil pessoas.

A análise dos saldos migratórios por UF revela que na região *Norte*, Rondônia e Pará foram as UF's que registraram os maiores ganhos líquidos de população. Por outro lado, o saldo migratório do Acre, apesar de negativo, tendeu a zero. Durante a década de oitenta as UF's do *Nordeste* registraram uma queda nas suas perdas líquidas de população. Assim, enquanto algumas UF's reduziram os seus saldos, pela primeira vez uma UF do Nordeste registrou saldo positivo – Sergipe – e numa outra o saldo tendeu a zero – Rio Grande do Norte – Na região *Sudeste*, Minas registrou um saldo negativo de cerca de 200 mil pessoas e o Rio de Janeiro um saldo negativo de cerca de 23 mil. São Paulo e Espírito Santo registraram saldos positivos de 1,24 milhão e 74 mil, respectivamente. Na região *Sul*, apenas o Estado de Santa Catarina registrou saldo positivo de cerca de 63 mil. Paraná foi entre os Estados da União, o que registrou maior perda líquida de população (cerca de 460 mil). Na região *Centro-Oeste*, todos os Estados registraram saldos positivos.

Como mostra a Tabela 3 a Região Norte registrou ganhos líquidos de população em relação a todas as regiões, enquanto o Nordeste perdeu para todas as outras. O Sudeste apenas perdeu população para o Norte e o Centro-Oeste, enquanto o Sul apenas ganhou (pouco) do Nordeste. Finalmente, o Centro-Oeste apenas perdeu para o Norte.

2.3 - Saldos migratórios intra-regionais – Região Norte 91 –

Como mostra a tabela seguinte, apenas os Estados de Tocantins, Pará e Acre registraram perdas líquidas de população nos fluxos entre os Estados da própria região. Note-se que o Estado de Roraima ganhou população de todos os Estados da região enquanto o Pará apenas ganhou do Tocantins.

Tabela 3

SALDOS MIGRATÓRIOS POR GRANDES REGIÕES
BRASIL -1991-

Regiões	NORTE	NORDESTE	SUDESTE	SUL	C.OESTE
NORTE		-327441	-73041	-98424	-30870
NORDESTE	327441		955575	8447	236309
SUDESTE	73041	-955575		-207028	98983
SUL	98424	-8447	207028		200138
C. OESTE	30870	-236309	-98983	-200138	
E+Bse+N*	11329	15847	96365	50916	18689
Tot. S. Mig.	541106	-1511927	1086943	-446226	523249

* Estrangeiro + Brasil sem especificação + Ignorado

Fonte: Censo 1991

SALDOS MIGRATORIOS INTRA REGIONAIS - NORTE 1991									
UF DE		UF DE ORIGEM							
DESTINO	RO	AC	AM	RR	PA	AP	TO		
RO		-5973	-14481	2470	-8495	14	158		
AC	5973		-1109	509	-85	-39	58		
AM	14481	1109		5243	-27753	-98	-19		
RR	-2470	-509	-5243		-8517	-56	-576		
PA	8495	85	27753	8517		24410	-34595		
AP	-14	39	98	56	-24410		-206		
TO	-158	-58	19	576	34595	206			
R.NORTE	26307	-5306	7037	17370	-34665	24438	-35180		

Fonte: Censo de 1991

3. Distribuição Etária dos Migrantes

3.1 - Distribuição geral

A distribuição etária do total de migrantes da década (para simplificar a designaremos de geral) apresenta, como característica fundamental, a falta de crianças de 0-4 anos de idade na sua base, conforme ilustra a Figura 3.

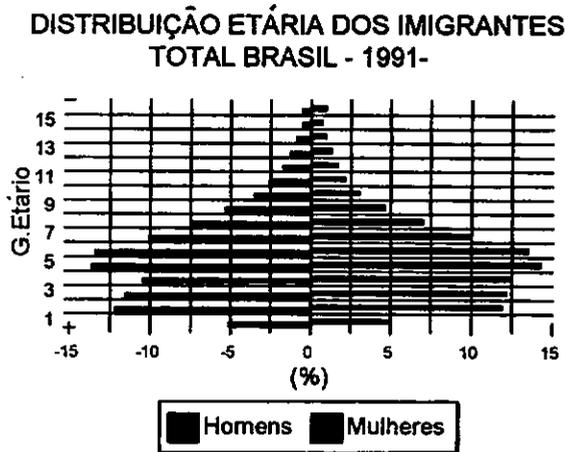


Figura 3 - Fonte: Censo 1991

Esta situação ocorre por não estar sendo incluído o efeito indireto da migração, ou seja, crianças, filhas de migrantes, nascidas no local de destino destes. Além da falta de crianças na sua base, a estrutura dos imigrantes apresenta também uma concentração elevada de pessoas nas idades centrais (20-30). Esta situação pode estar a ocorrer devido à maior dinâmica migratória dessas faixas etárias. A distribuição etária dos migrantes revela ainda que os homens estão migrando menos que as mulheres entre os 10 e 30 anos de idade, invertendo-se a situação dos 35 anos em diante. Se considerarmos que a migração do tipo familiar deveria em princípio apresentar uma distribuição por idade e sexo com uma configuração próxima da distribuição geral da população, então, a desproporção entre homens e mulheres e/ou entre as faixas de idade consideradas, pode ser uma indicação da existência de uma migração do tipo não familiar naquelas faixas de idade que estão fugindo do padrão.

3.2 - Distribuição etária dos migrantes no Norte

A distribuição etária dos imigrantes na região *Norte* difere da distribuição geral, por apresentar uma estrutura mais jovem, ou seja, os indícios de uma transição são ainda pouco visíveis e a maior concentração de pessoas está localizada em idades mais jovens do que na distribuição geral. Esta distribuição pode ser devida ao fato de nesta estrutura estarem incluídos os imigrantes de origem intra-regional e muitas pessoas que têm como origem o Nordeste. Como sabemos, nestas duas regiões, a população tem uma distribuição etária jovem. Por outro lado, esta distribuição sugere também que a imigração no Norte foi majoritariamente do tipo familiar.

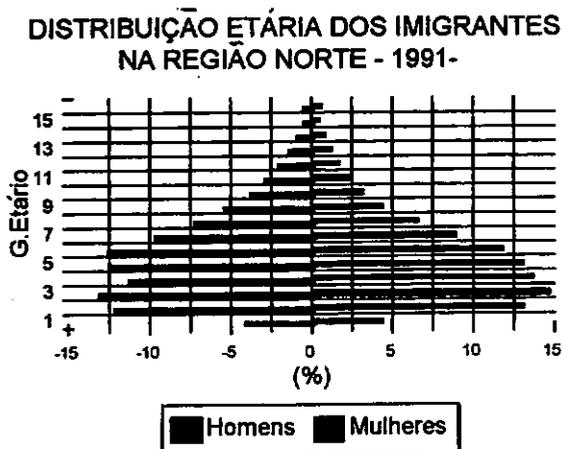


Figura 4 - Fonte: Censo 1991

3.3 - Distribuição etária dos migrantes nas demais Regiões

Os imigrantes no *Nordeste* apresentam uma distribuição etária próxima à dos imigrantes na região Norte. Nesta estrutura, entretanto, é mais visível o deslocamento concentrado de pessoas nas faixas de idades mais jovens. As observações feitas anteriormente para o caso da estrutura dos migrantes na região Norte são também válidas para o caso do Nordeste.

DISTRIBUIÇÃO ETÁRIA DOS IMIGRANTES NA REGIÃO NORDESTE - 1991-

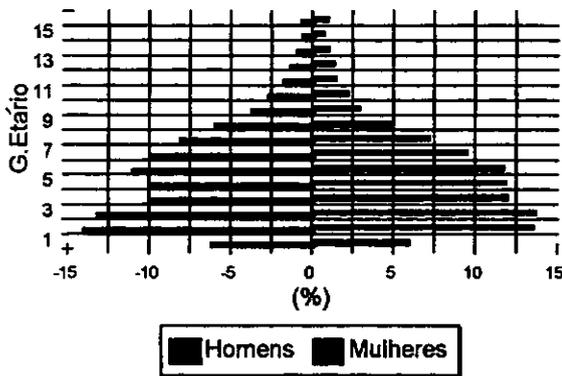


Figura 5 - Fonte: Censo de 1991

A estrutura dos imigrantes na região *Sudeste* diferencia-se das demais por representar uma população que, por um lado, tende a envelhecer e, por outro, apresenta uma concentração elevada de pessoas nas faixas centrais de idade. Esta distribuição está sugerindo a existência de uma expressiva migração do tipo não-familiar, que estaria a ocorrer predominantemente nas faixas centrais de idade.

DISTRIBUIÇÃO ETÁRIA DOS IMIGRANTES NA REGIÃO SUDESTE - 1991-

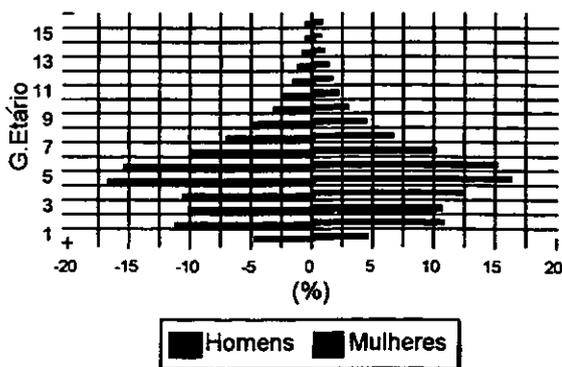


Figura 6 - Fonte: Censo de 1991

Com pequenas diferenças, apenas na distribuição por sexo os imigrantes no *Sul* e *Centro-Oeste* apresentam uma distribuição etária relativamente semelhante. No *Sul*, entretanto, é mais visível a falta também de mulheres nas idades dos 15 aos 29 anos. A distribuição nestas 2 regiões está sugerindo um certo equilíbrio entre os dois tipos de migração (familiar e não familiar).

DISTRIBUIÇÃO ETÁRIA DOS IMIGRANTES NA REGIÃO SUL - 1991-

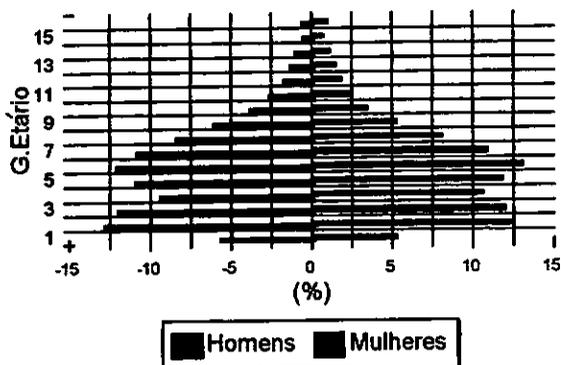


Figura 7 - Fonte: Censo de 1991

DISTRIBUIÇÃO ETÁRIA DOS IMIGRANTES NA REGIÃO CENTRO OESTE - 1991-

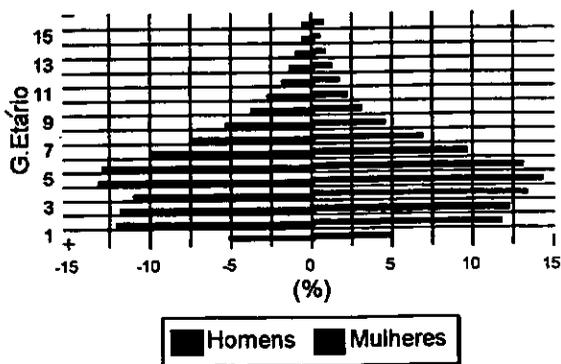


Figura 8 - Fonte: Censo de 1991

4. Grau de Escolaridade dos Migrantes

4.1 - Algumas questões metodológicas

O estudo das características sociais dos imigrantes será aqui desenvolvido através da análise de suas características educacionais. A análise será feita para os migrantes nas suas regiões de destino. Neste tipo de análise, é comum usar-se como termo de referência apenas a população não migrante e/ou a média da população da região considerada. Na presente análise, adotaremos como critério a segunda alternativa, ou seja, a média para o total de cada uma das regiões e para o Brasil como um todo, de forma a apresentarmos uma visão global de nossos indicadores nestas regiões de destino dos migrantes. Uma vez que nosso objetivo não é realçar as diferenças entre migrantes e não migrantes, os diferenciais resultantes de nossa análise serão meramente indicativos. Estes estarão subestimados, uma vez que, na média geral, estarão incluídas as características dos próprios imigrantes.

Para eliminarmos os efeitos da distribuição etária, nas comparações entre regiões e migrantes, será feita a padronização direta dos nossos indicadores, para o que usaremos como padrão a distribuição etária do total da população brasileira.

Na nossa análise, usaremos a variável anos de estudo. Começaremos por avaliar qual a proporção de pessoas sem qualquer instrução e qual a dos indivíduos que têm exatamente 4, 8, 12 e 17 e mais anos de estudo. Recorde-se que são estes os anos de estudo em que são concluídos os diferentes graus ou níveis de ensino. Esta análise será feita considerando-se ainda a sua distribuição por grupos quinquenais de idade. Para refinarmos a análise, em seguida, iremos avaliar qual a:

- a) proporção de pessoas com pelo menos 4 anos de estudo entre a população dos 11-14 anos;
- b) proporção de pessoas com pelo menos 8 anos de estudo entre a população dos 15-17 anos de idade;
- c) proporção de pessoas com pelo menos 11 anos de estudo entre a população dos 18 e 21 anos de estudo;
- d) finalmente a proporção de pessoas com pelo menos 15 anos de estudo entre as pessoas de 22-29 anos de idade.

Ainda com esta variável, será avaliado o número médio de anos de estudo entre a população dos 10 aos 49 anos de idade.

4.2 - Análise de resultados

4.2.1 - Proporção de pessoas com exatamente x anos de estudo

Como se pode observar da Tabela 4, entre o total de migrantes do País 25,8% não tinham qualquer instrução, média esta relativamente inferior à média geral (que foi de 26,5%).

As regiões Norte e Nordeste foram as que apresentaram maior proporção de analfabetos entre os imigrantes – ao redor de 30% – Note-se também que apenas nestas 2 regiões os imigrantes tiveram menor proporção de pessoas sem instrução com relação à média da região. No Sudeste, cerca de 20% dos imigrantes não possuíam qualquer instrução enquanto que no Sul e Centro-Oeste registrou-se a menor proporção de imigrantes sem instrução: cerca de 15%.

Como se pode observar pela Figura 9, a proporção de imigrantes sem instrução é bastante alta no grupo dos 5 aos 9 anos de idade, cai rapidamente no grupo etário seguinte e depois mantém-se relativamente constante nas idades adultas. Podemos observar ainda que existem diferenças entre as regiões de destino dos migrantes. Assim, os migrantes das regiões Norte e Nordeste apresentam uma proporção de crianças sem instrução mais elevada do que os imigrantes nas demais regiões, o que poderia ser explicado por uma

PROPORÇÃO DE MIGRANTES SEM INSTRUÇÃO
POR IDADE -BRASIL 91-

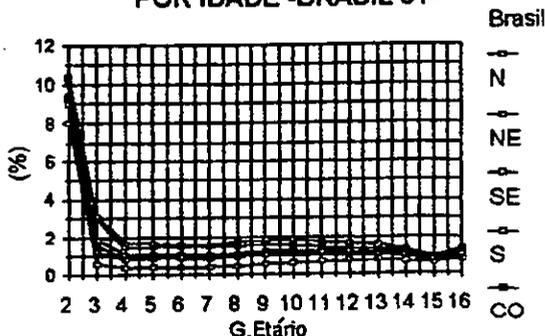


Figura 9- Fonte: Censo de 1991

eventual entrada tardia para a escola. A região Sul é a que apresenta menor proporção de analfabetos também nas idades mais jovens.

O fato de a proporção de pessoas sem qualquer instrução se manter constante nas idades adultas, poderia sugerir a não existência de programas de alfabetização de adultos. Para avaliarmos o impacto de eventuais programas dessa natureza, analisamos também, entre os imigrantes, quais os que se beneficiaram da alfabetização de adultos. Podemos concluir que apenas 0,34% destes teriam passado por esta modalidade de ensino. Esta média está muito próxima da média geral do Brasil, que foi de 0,35% do total de pessoas. Note-se que os imigrantes no Nordeste são os que apresentam maior proporção de usuários desta modalidade de ensino. Se considerarmos que a origem destes imigrantes é majoritariamente da região Sudeste, então podemos inferir que, nesta região, as exigências do mercado de emprego poderiam estar na base da utilização deste subsistema de ensino. Por outro lado, se considerarmos que uma grande proporção dos migrantes no Nordeste foi de retorno, também podemos inferir que apesar dessas pessoas passarem por este sistema de ensino, não conseguiram adequar-se às exigências desse mercado de emprego. Por último, também é provável que essas pessoas tenham usado esse sistema enquanto estavam trabalhando, o que estaria refletindo uma melhor integração entre o ensino e o mercado de trabalho. Finalmente, estas cifras por si só justificariam uma atenção especial das autoridades competentes com relação a esse tipo de problemática.

A proporção de pessoas *com 4 anos de estudo* representou 15,70% dos migrantes em todo o país, valor muito próximo da média geral, que foi de 16,77%. Entre os imigrantes na região Norte essa proporção foi de cerca de 14% e no Nordeste, de apenas 12%. No Sul e Centro-Oeste essa proporção foi de pouco mais de 18%, sendo destas regiões as melhores médias entre os imigrantes. Para o total da população brasileira, o Sul apresentou a melhor média, seguido do Sudeste. Note-se que para estas 2 regiões a média geral é superior à média dos imigrantes.

Relativamente à distribuição por idade das pessoas com 4 anos de estudo podemos observar, na Figura 10, que a proporção cai entre os 10 e os 30 anos de idade, sobe rapidamente dos 30 aos 35, e depois cai lentamente com a idade. Existem poucos elementos para

PROPORÇÃO DE MIGRANTES COM 4 ANOS DE ES
POR IDADE -BRASIL 91-

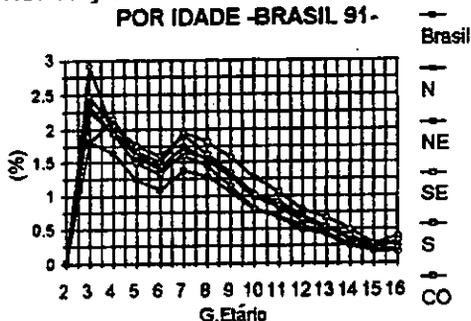


Figura 10- Fonte: Censo de 1991

aprofundar sobre as possíveis causas da queda da proporção de pessoas entre os 10 e 30 anos com 4 anos de estudo. Entretanto, uma causa poderá ser o fato de cada vez mais as pessoas estudarem além dos 4 anos de estudo em idades cada vez mais jovens.

A região Sul é a que apresenta a maior proporção de imigrantes entre os 15-19 anos de idade com 4 anos de estudo. Esta mesma região é a que apresenta também a maior proporção de indivíduos com 4 anos de estudo entre as idades mais adultas. A região Norte, ao contrário das demais, apresenta a maior proporção de pessoas com 4 anos de estudo no grupo etário dos 20-24 anos de idade.

No total de imigrantes do País, apenas 6% possuíam 8 anos de escolaridade, em 1991, valor também próximo da média geral, que foi de 6,33%. Entre os imigrantes, nas regiões Norte e Nordeste essa proporção foi de cerca de 5%. A maior proporção pode ser observada nas regiões Sul e Centro-Oeste, com pouco menos de 8%.

A única região onde a média geral é superior à dos imigrantes é a região Sudeste, onde a média foi de 8% e a dos imigrantes de pouco mais de 6%. Por outro lado, a região Centro-Oeste foi a que registrou maior diferencial a favor dos imigrantes, o que se poderia explicar pelo peso da migração no DF.

PROPORÇÃO DE MIGRANTES COM 8 AN. DE ES
POR IDADE -BRASIL 91-



Figura 11- Fonte: Censo de 1991

A distribuição etária destas pessoas revela que a sua maioria se concentra no grupo dos 25-29 anos, caindo depois rapidamente com a idade. A região Sul diferencia-se das demais, por apresentar maior concentração destas pessoas no grupo etário dos 20-24 anos, sugerindo maior acessibilidade e eficiência do sistema de ensino nesta região.

Aproximadamente 7% dos imigrantes *possuíam* 11 anos de estudo. Essa proporção, para o total do Brasil, foi ligeiramente superior. Na média geral, as regiões Norte e Nordeste são as que apresentaram

PROPORÇÃO DE MIGRANTES C/ 11 AN. DE ES.
POR IDADE -BRASIL 91-

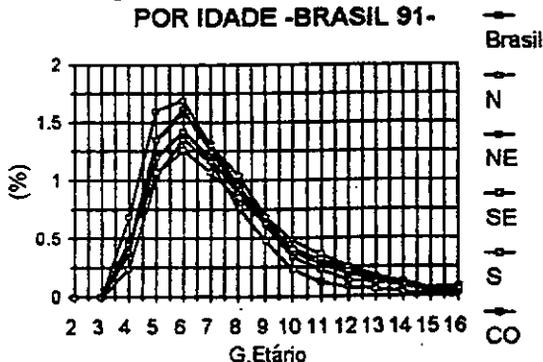


Figura 12- Fonte: Censo de 1991

a menor proporção de pessoas com exatamente 11 anos de estudo (aproximadamente 5,5%) enquanto o Sudeste e Centro-Oeste são as que tiveram maior proporção (com 9,5%). Novamente, a região Sudeste apresentou uma média geral superior à dos imigrantes. Por outro lado, a região Nordeste é a que apresenta o maior diferencial entre migrantes e a média geral. Finalmente a região Norte é a que registrou o menor diferencial entre imigrantes e a média geral.

A distribuição por idades destes imigrantes tem a mesma configuração do grupo anterior, com a diferença de que seu pico se situa nos 30 anos de idade. A região Norte possui as menores proporções em praticamente todas as idades.

A proporção de pessoas com exatamente 15 anos de estudo era de 2,27%, entre os imigrantes e 1,96%, no total do Brasil. Na média geral, o Sudeste é a região com maior proporção de pessoas com 15 anos de estudo. Entretanto, a região Sul é aquela que recebeu, entre os imigrantes, a maior proporção de pessoas com 15 anos de estudo. A região Norte é a que tem menor proporção de pessoas com 15 anos de estudo e também a que recebeu a menor proporção de migrantes com este nível educacional.

Finalmente, a proporção de migrantes com 17 ou mais anos de escolaridade é de apenas 0,55%, enquanto a média geral é de apenas 0,28% em todo Brasil. Entre os imigrantes, novamente a região Norte é a que apresentou a menor proporção (0,2%) e o Sul e o Centro-Oeste são as que apresentaram a maior, com pouco mais de 0,7% do total dos imigrantes. A região Sudeste é a que teve maior média geral de pessoas com 17 e mais anos de estudo. Por idade, podemos constatar a sua concentração em idades mais adultas, sendo que o seu pico se situa nos 40 anos.

PROPORÇÃO DE MIGRANTES C/17+ AN.DE ES.
POR IDADE -BRASIL 91-

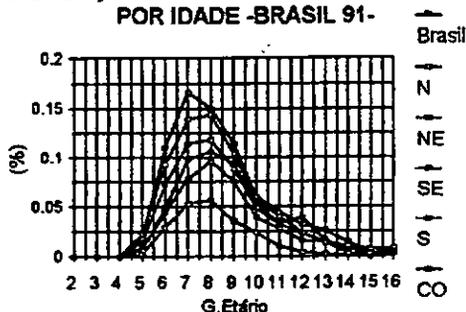


Figura 13- Fonte: Censo de 1991

TABELA 4 - PROPORÇÃO DE PESSOAS COM EXATAMENTE X ANOS DE ESTUDO POR REGIÃO -1991- (%)									
Regiões	IMIGRANTES								
	Sem Instr.	Alf.Ad.	4	8	11	15	17 e +		
NORTE	33.25	0.41	14.15	5.01	5.66	1.15	0.22		
NORDESTE	32.16	0.52	12.72	5.21	7.56	1.95	0.41		
SUDESTE	23.31	0.30	16.84	6.30	6.79	2.55	0.66		
SUL	16.50	0.19	18.43	7.67	8.58	3.21	0.75		
C. OESTE	24.10	0.27	15.67	6.33	7.26	2.15	0.51		
TOTAL	25.76	0.34	15.70	6.08	7.03	2.27	0.55		
MÉDIA DA REGIÃO									
Regiões	Sem Instr.	Alf.Ad.	4	8	11	15	17 e +		
NORTE	34.68	0.32	12.56	4.79	5.58	0.71	0.12		
NORDESTE	42.37	0.53	10.93	3.66	5.67	0.99	0.14		
SUDESTE	18.58	0.29	19.43	7.93	8.68	2.81	0.40		
SUL	16.98	0.23	22.50	7.39	7.18	1.96	0.27		
C. OESTE	23.14	0.27	15.37	6.39	7.88	1.83	0.29		
TOTAL	26.46	0.35	16.77	6.33	7.34	1.96	0.28		

Fonte: Censo de 1991

4.2.2 - Proporção de pessoas com pelo menos x anos de estudo entre a população do grupo etário ideal

Este indicador representa o número de pessoas de um determinado grupo etário com mais de x anos de estudo com relação ao total de pessoas nesse mesmo grupo. Este grupo etário seria aquele considerado ideal para a conclusão do ano de estudo considerado. Com este indicador, ao contrário do anterior, poderemos avaliar em que regiões as pessoas atingem mais cedo determinado nível escolar. Como já dissemos, este indicador foi padronizado pela distribuição etária da população brasileira.

Os resultados gerais revelam que a proporção de pessoas com 4, 8 e 11 anos de estudo nos grupos de idade considerados é menor entre os imigrantes (Tabela 5), com exceção das pessoas que têm pelo menos 15 anos de estudo no grupo dos 22-29 anos de idade. O Sudeste e o Centro-Oeste seguem este mesmo padrão. A região Nordeste se diferencia de todas as demais, na medida que, em todos os casos considerados, os imigrantes têm uma proporção superior à média da região. A região Norte apresenta uma média superior para os imigrantes apenas no que toca às pessoas com pelo menos 4 e 15 anos de estudo. Finalmente, para a região Sul, a média dos imigrantes apenas é superior entre os indivíduos com 8 e 15 anos de estudo. Saliente-se que a proporção de pessoas com 15 anos de estudo se revelou superior entre os imigrantes, para todas as regiões.

O fato de o primeiro indicador (proporção de pessoas com exatamente x anos de estudo) ter revelado algumas proporções mais elevadas para os imigrantes, e os resultados do último indicador (proporção de pessoas com pelo menos x anos de estudo no grupo etário ideal) revelarem superioridade para a média da região, levamos a inferir que existem padrões diferenciados de atraso escolar que poderão estar associados à origem dos imigrantes. Para avaliar melhor esta questão, uma alternativa seria estudar, por exemplo, o atraso escolar dos filhos de migrantes e a média dos filhos de toda a região.

4.2.3 - Número médio de anos de estudo das pessoas dos 10-49 anos

O número médio de anos de estudo da população migrante e do total da população dos 10 aos 49 anos de idade pode ser observado

TABELA 5 - PROPORÇÃO DE PESSOAS COM X ANOS DE ESTUDO NA FAIXA IDEAL DE IDADE POR REGIÃO - 1991
- (%)

MIGRANTES							
Anos de Estudo/Faixa Et.	N	NE	SE	S	CO	TOTAL	
+de 4 AE/11-14	31,06	36,24	49,21	63,94	46,24	44,78	
+de 8 AE/15-17	9,49	15,15	17,44	28,42	17,51	16,98	
+de 11AE/18-21	7,08	10,89	13,73	16,75	12,67	12,63	
+de 15AE/22-29	2,53	4,25	8,89	9,43	5,38	5,94	
TOTAL DA REGIÃO							
Anos de Estudo/Faixa Et.	N	NE	SE	S	CO	TOTAL	
+de 4 AE/11-14	28,54	25,23	58,01	65,95	48,92	45,41	
+de 8 AE/15-17	10,63	10,09	26,78	27,89	19,62	19,80	
+de 11AE/18-21	8,40	9,43	17,63	16,91	14,53	14,41	
+de 15AE/22-29	1,70	2,10	8,29	4,99	4,00	4,47	

Fonte: Censo de 1991

na Tabela 6. Nela, podemos constatar que o número médio de anos de estudo é ligeiramente superior entre os imigrantes (5,41 contra 5,37). A região com menor média geral é o Nordeste, com apenas 3,96 anos de estudo seguida do Norte, com 4,28. A região Sudeste é a que apresenta a melhor média (6,18). Entre os imigrantes, a região Norte é a que apresenta menor média, ou seja, apenas 4,49 anos de estudo e a região Sul é a que tem a melhor média (6,63 anos de estudo). Resumindo, o número médio de anos de estudo é ligeiramente superior entre os imigrantes. Esta situação é verdadeira para todas as regiões analisadas, à exceção da região Sudeste, onde a média da região é superior à dos imigrantes. Este indicador estaria sugerindo também a existência de um padrão de ensino diferenciado pela região de origem dos imigrantes.

Tabela 6

Número médio de anos de estudo das pessoas de 10-49 anos de idade por região e status migratório - 1991 -

	N	NE	SE	S	CO	TOTAL
Imigrantes.	4.49	4.98	5.55	6.63	5.56	5.41
Total da Região	4.28	3.96	6.18	5.92	5.54	5.37

Fonte: Censo de 1991

Resumindo, na média geral, o Norte foi a região com a pior proporção de pessoas com 11, 15 e 17 e mais anos de estudo. Esta mesma região foi também a que recebeu imigrantes com a mais baixa proporção de pessoas com os anos de estudo considerados.

5. Considerações Finais

Os saldos migratórios entre as grandes regiões revelam que a *região Norte* teve um ganho líquido total de população de cerca de 540 mil pessoas. Esta região registrou ganhos com relação a todas as regiões. Note-se, entretanto, que mais de 60% desse ganho se registrou nos fluxos com a região Nordeste. A região Nordeste, que tradicionalmente vem perdendo população para as demais regiões, apesar de ter registrado ainda um saldo negativo de cerca de 1,5 milhão de pessoas durante a década, mostrou uma tendência de queda nestas perdas. As perdas desta região deram-se majoritariamente para a região Sudeste (cerca de 63%) e Norte (mais

de 21%). O Sudeste teve um ganho líquido de mais de 1,08 milhão de pessoas oriundas majoritariamente do Nordeste (88%). A região Sul registrou uma perda líquida de cerca de 446 mil pessoas e, finalmente, o Centro-Oeste ganhou mais de 523 mil pessoas.

A análise da estrutura etária dos migrantes revelou que existem indícios de diferenciação do tipo de migração (familiar ou não) em função da região de destino. Assim, teríamos basicamente 3 padrões, sendo que a estrutura etária da migração nas regiões Norte e Nordeste sugere uma predominância da migração do tipo familiar. A estrutura da migração na região Sudeste sugere a existência de uma migração não-familiar, que se estaria a dar predominantemente nas faixas centrais de idade. Finalmente, a distribuição etária dos migrantes no Sul e Centro-Oeste sugere uma combinação dos dois tipos (familiar e não-familiar).

Os indicadores de educação analisados revelam a existência de diferenciais entre as grandes regiões, sendo que o Sul e Sudeste apresentam os melhores indicadores, e o Nordeste e Norte estariam em pior situação.

Apesar de algumas de nossas evidências carecerem de análises mais detalhadas, há indícios de que, como consequência das diferenças regionais, os migrantes parecem levar para as suas regiões de destino o padrão de ensino das suas regiões de origem. Se tal for verdadeiro, então, os diferenciais entre os migrantes e a média geral da região de destino serão tanto menores quanto menor for a diferença entre a região de origem e a de destino. Provavelmente por este motivo, os migrantes na região Sudeste, por serem majoritariamente originários do Nordeste, possuem uma média de ensino inferior à média da região. Por outro lado, no Nordeste, o nível de ensino dos migrantes é visivelmente superior ao da região, por terem estes migrantes como principal origem a região Sudeste, que possui um padrão superior ao do Nordeste. Na região Norte, os diferenciais entre os migrantes e a média da região são mínimos, provavelmente devido ao fato de os migrantes desta região terem origem majoritária no Nordeste, que apresenta uma média geral de ensino próxima daquela da região Norte.

